

Alice Miceli

André Capilé

Ayani Hunikuí

Caroline Bergvall

Cid Campos

Flora Süssekind

Guilherme Gontijo Flores

Helena Martins

Jaider Esbell

Joel Birman

Leonardo Nunes

Louise Botkay

Maria Palmeiro

Mario Novello

Marisol de la Cadena

Monique David-Ménard

Patrice Maniglier

Paulo Henriques Britto

Steve Woolgar

Yhuri Cruz

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional
Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional
Danilo Santos de Miranda

Superintendentes
Técnico-social Joel Naimayer Padula
Comunicação Social Ivan Giannini
Administração Luiz Deoclécio Massaro Galina
Assessoria Técnica e de Planejamento Sérgio José Battistelli

Gerentes
Centro de Pesquisa e Formação Andréa de Araújo Nogueira
Artes Gráficas Rogerio Ianelli

Equipe SESC
Maurício Trindade da Silva e Rafael Peixoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Atos de tradução [livro eletrônico] / [curadoria e organização]
Bruno Siniscalchi, Maria Borba. — 1. ed. — São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, 2022.
PDF.

Vários colaboradores.

ISBN 978-65-87592-11-4

1. Tradução 2. Tradução e interpretação 3. Tradução e interpretação - Técnica I. Siniscalchi, Bruno. II. Borba, Maria.

22-129352

CDD-412

Índices para catálogo sistemático:

1. Tradução intersemiótica : Linguística 412

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

fontes Favorit e Lora

ATOS DE TRADUÇÃO

Curadoria e organização
Bruno Siniscalchi e Maria Borba (Instituto Comum)

Coordenação editorial
Bruno Siniscalchi e Maria Borba

Projeto gráfico e diagramação Barbara Cutlak

Edição Bruno Siniscalchi e Maria Borba

Tradução Giovana Langoni, Manuela Linck de Romero e Maria Palmeiro

Revisão técnica Felipe Sússekind e Salvador Schavelzon

Preparação de texto e revisão Clarisse Lyra



Sumário

<u>9</u>	Apresentação
<u>11</u>	Introdução
<u>13</u>	Abertura: Helena Martins
	tradução como ato
<u>25</u>	Paulo Henriques Britto
<u>38</u>	Leonardo Nunes
<u>50</u>	André Capilé e Guilherme Gontijo Flores
	antropologia como tradução
<u>67</u>	Marisol de la Cadena
<u>92</u>	Jaider Esbell
<u>102</u>	Patrice Maniglier
<u>130</u>	Ayani Hunikuí e Louise Botkay
	ciência como tradução
<u>145</u>	Steve Woolgar
<u>156</u>	Alice Miceli
<u>177</u>	Mario Novello
	psicanálise como tradução
<u>189</u>	Monique David-Ménard
<u>200</u>	Yhuri Cruz
<u>202</u>	Joel Birman
	arte como tradução
<u>213</u>	Caroline Bergvall
<u>222</u>	Cid Campos
<u>228</u>	Maria Palmeiro
<u>240</u>	Flora Süssekind

Arquivos de vídeo

abertura

Helena Martins

<https://youtu.be/AL9ammeRxHE>

tradução como ato

Paulo Henriques Britto

<https://youtu.be/nhVTRGYNtOA>

Leonardo Nunes

<https://youtu.be/IND9CvWa-rU>

André Capilé e Guilherme Gontijo Flores

<https://youtu.be/XwZ6KNDstIQ>

antropologia como tradução

Jaider Esbell

<https://youtu.be/KyljbrpDpqQ>

Patrice Maniglier

<https://youtu.be/X8jni6QQNnc>

Ayani Hunikuí e Louise Botkay

<https://youtu.be/4ZpzkeDKU6w>

ciência como tradução

Steve Woolgar

https://youtu.be/2_DZI2RUNKQ

Alice Miceli

<https://youtu.be/QTTG04N-cGU>

Mario Novello

<https://youtu.be/l5phH6HOHek>

psicanálise como tradução

Monique David-Ménard

https://youtu.be/_1rH3EU56EY

Yhuri Cruz

<https://youtu.be/KQxcm7zOemo>

Joel Birman

<https://youtu.be/EZOatyafzYo>

arte como tradução

Caroline Bergvall

<https://youtu.be/fkB7AzbQjQc>

Cid Campos

<https://youtu.be/9ajGAvwXNfQ>

Maria Palmeiro

<https://youtu.be/8Wv9lScsbPo>

Flora Süssekind

<https://youtu.be/Ot4Uw8Af3fl>

Alice Miceli

Gostaria de compartilhar dois projetos artísticos, um sobre a zona de exclusão de Chernobyl, do lado da Bielorrússia, e outro sobre o espaço de campos minados em diferentes partes do mundo. Ambos lidam diretamente com questões de tradução *lato sensu*, e o fazem por intermédio de algumas ferramentas científicas de descrição, de observação da natureza, levando em conta que essas descrições são também elas mesmas construções narrativas e contingentes.

O projeto Chernobyl examinou uma materialidade muito contraditória, que é a do espaço da zona da exclusão. À primeira vista, é um espaço que pode parecer vazio, mas que é na verdade pleno de uma energia invisível, cuja materialidade é incorpórea — a contaminação radioativa. Trata-se da radiação gama que está presente por todo aquele espaço da zona de exclusão, mas que não se revela nunca, no sentido de que nós não a experimentamos de nenhuma maneira através dos nossos sentidos, apenas através dos rastros de destruição que ela abandona, sejam estes os índices elevadíssimos de câncer da população local, sejam bebês que nascem com alguma má formação. Uma materialidade invisível que acaba por se tornar hereditária e que, em termos de escala temporal, se manifesta de forma eterna, pois as previsões mais otimistas estimam no mínimo 300 anos para que a radioatividade da área decaia a níveis que possibilitem o retorno da vida humana.

A questão que me coloquei foi: como olhar para este espaço? Como pensar as representações possíveis desse tipo de paisagem alterada, desta maneira, em sua própria sua substância?











Com essas imagens documentais, baseadas em convenções foto-jornalísticas, ao olhar para a zona de exclusão de Chernobyl, meu ponto de partida foi: qual seria a aparência, através da luz visível, dessa paisagem que é vazia, mas plena desse algo que nos escapa? Nesse registro, o que vemos, então, é uma captura de aparências.









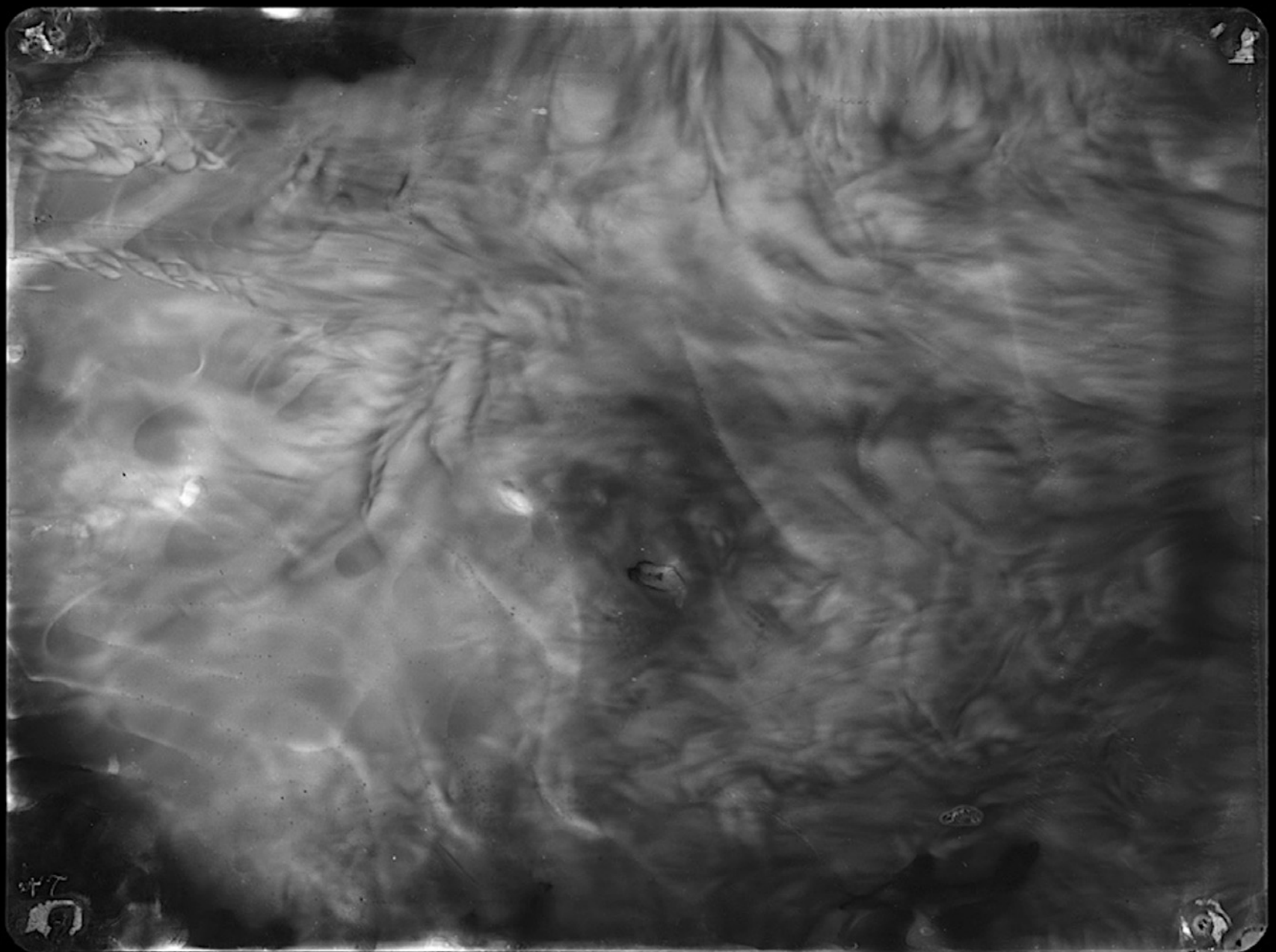


Mas o que, nessa situação, escapa a esse tipo de registro? Trata-se de uma aparência que aqui se dá mais como carcaça que contém em si o que não se revela. Todo o esforço do projeto foi indagar, então, se seria possível tocar nisso que não se revela. E por intermédio de quê? De quais formas?

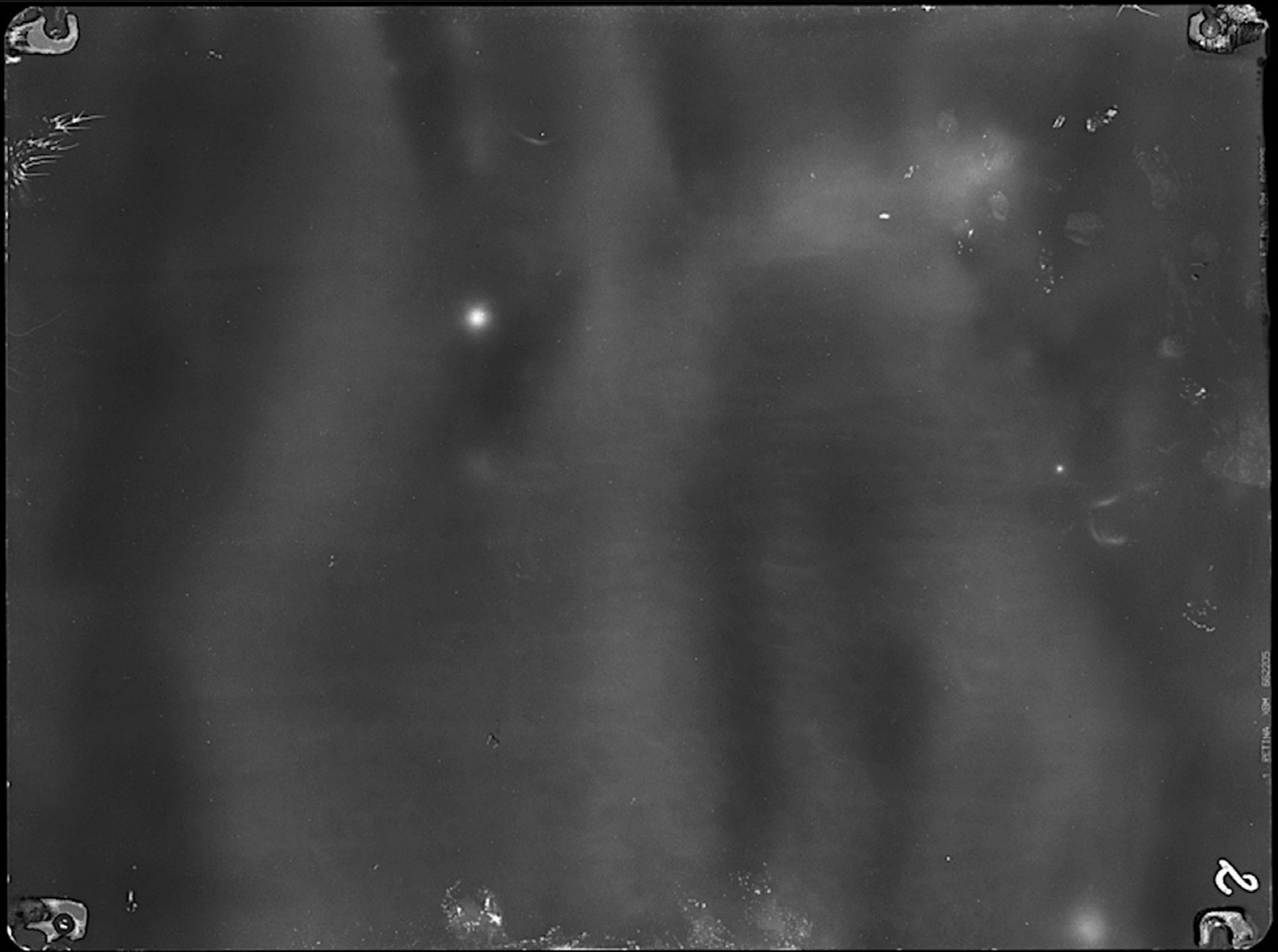
Depois de oito meses de pesquisas, experimentos e interlocuções com cientistas, fui para Chernobyl. Nós desenvolvemos duas técnicas:

uma é um processo de tentar adaptar o mecanismo fotográfico — que, através da luz visível que bate e rebate nas coisas, configura nossa visão — para a radiação gama, que tem um comportamento diverso da luz, o que deu na criação de câmeras radiográficas feitas de chumbo; a outra envolvia um tipo diferente de captação que não passa por câmera e que tem mais a ver com o que é chamado de autorradiografia.

Essa imagem, por exemplo,
é de um campo aberto.



Fragmento de um campo III – 9.120 μ Sv



Fragmento do tronco de uma árvore I - 6.920 μ Sv

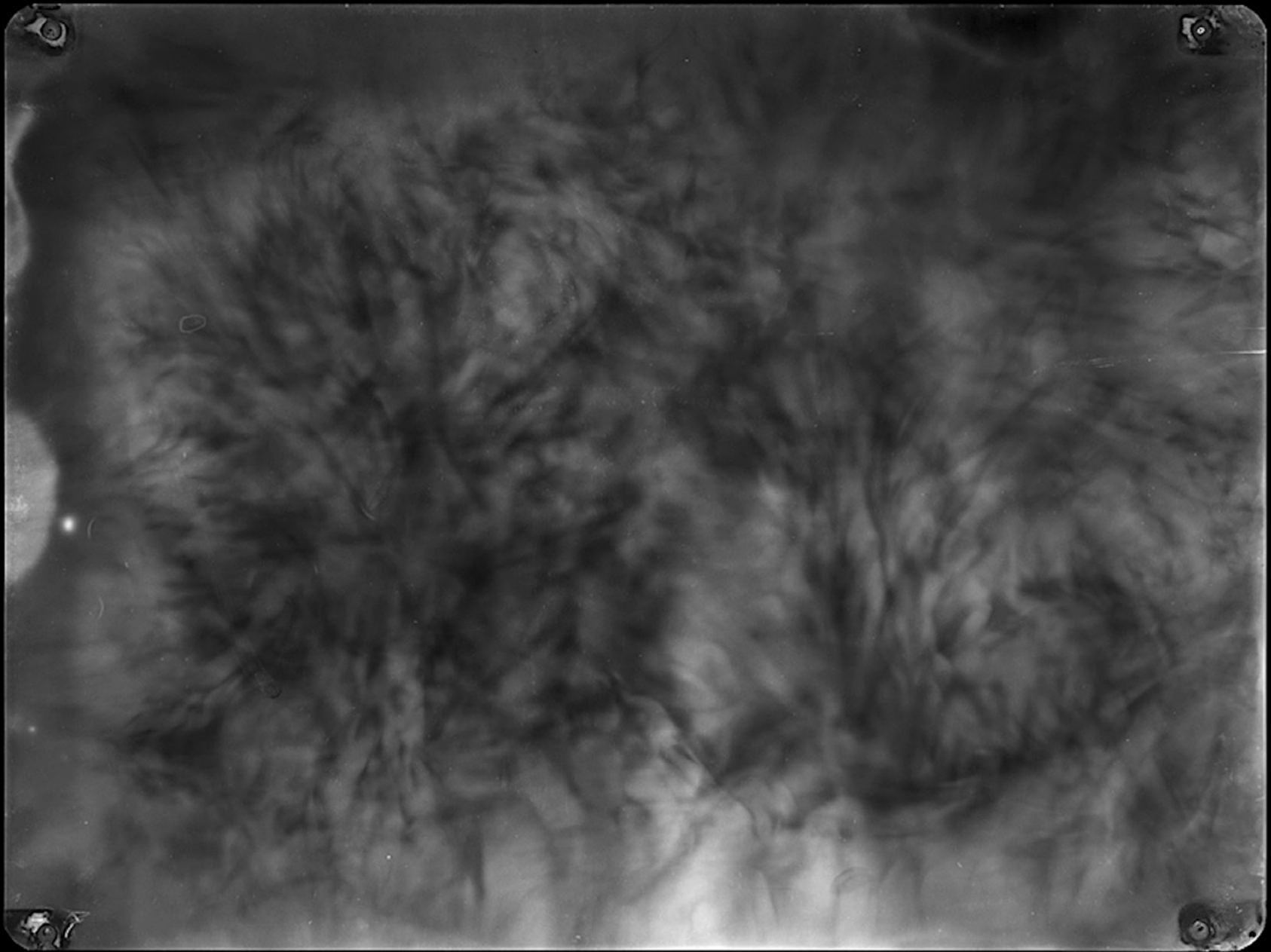
Close-up de um tronco
de uma árvore.

O tempo de exposição para cada placa radiográfica era muito longo, de dois a oito meses. Na medida em que resultados começaram a ser passíveis de serem repetidos de forma sistemática, nós os multiplicamos.

São imagens que podem parecer, à primeira vista, abstratas, mas que na verdade não são. São miméticas em relação à fonte que as imprimiu. O que acontece é que a realidade da radiação gama invisível tem a sua própria forma e não obedece necessariamente ao contorno das coisas do mundo tais quais aprendemos a decodificá-las por intermédio da nossa visão.

Um aspecto interessante são os diferentes tipos de consequências visuais para as imagens, no sentido de que as manchas mais orgânicas e mais apagadas são uma parte da emissão da contaminação entranhada, por exemplo, no tronco dessa árvore. Já o ponto muito brilhoso é uma partícula muito radioativa entranhada na superfície do caule.

Assim, comecei a me dar conta de que a forma como essa contaminação existe, entranhada em e emanada de uma matéria orgânica, se manifesta em diferentes formas; formas que se repetem de forma sistemática quando capturadas radiograficamente



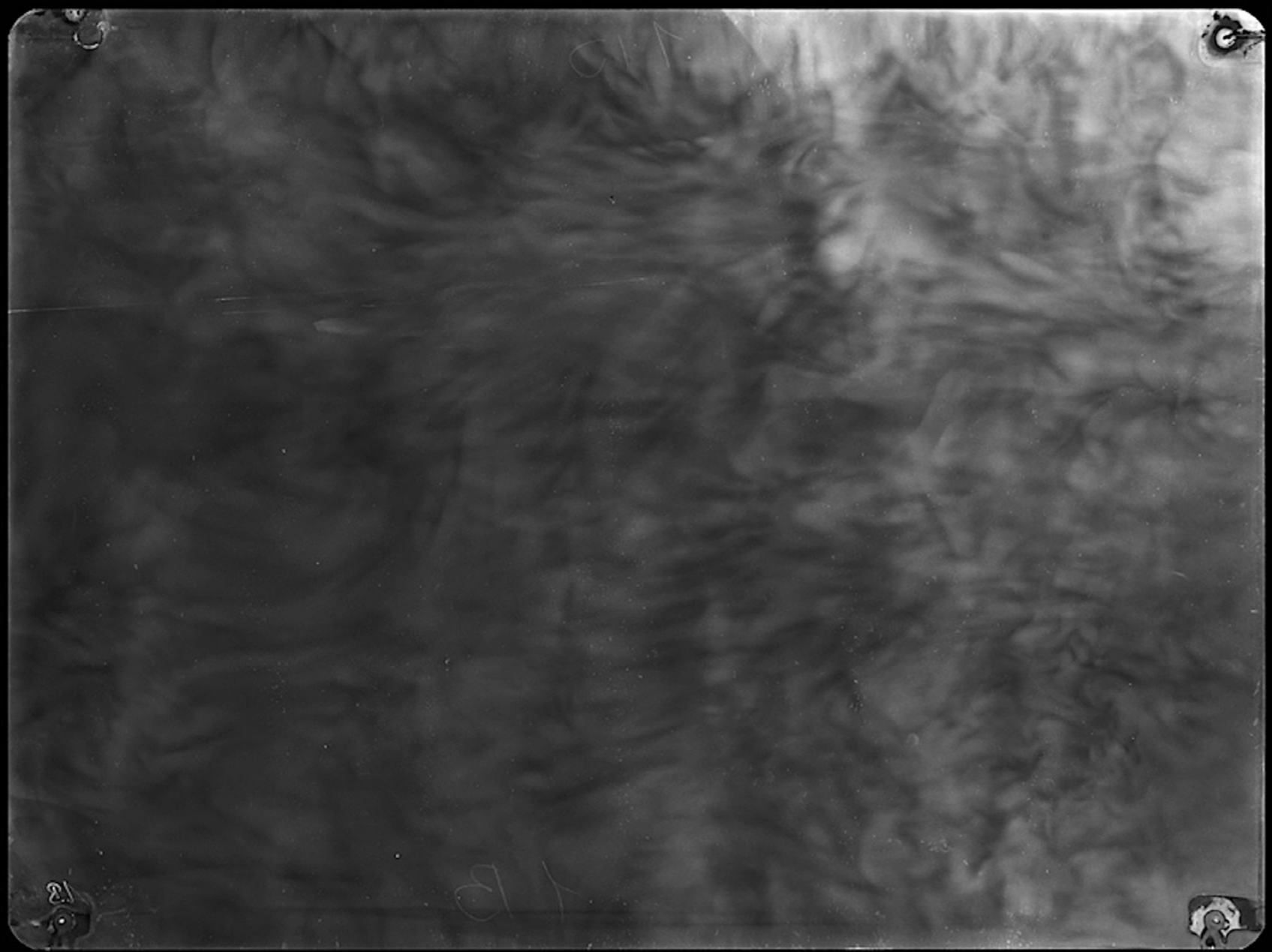
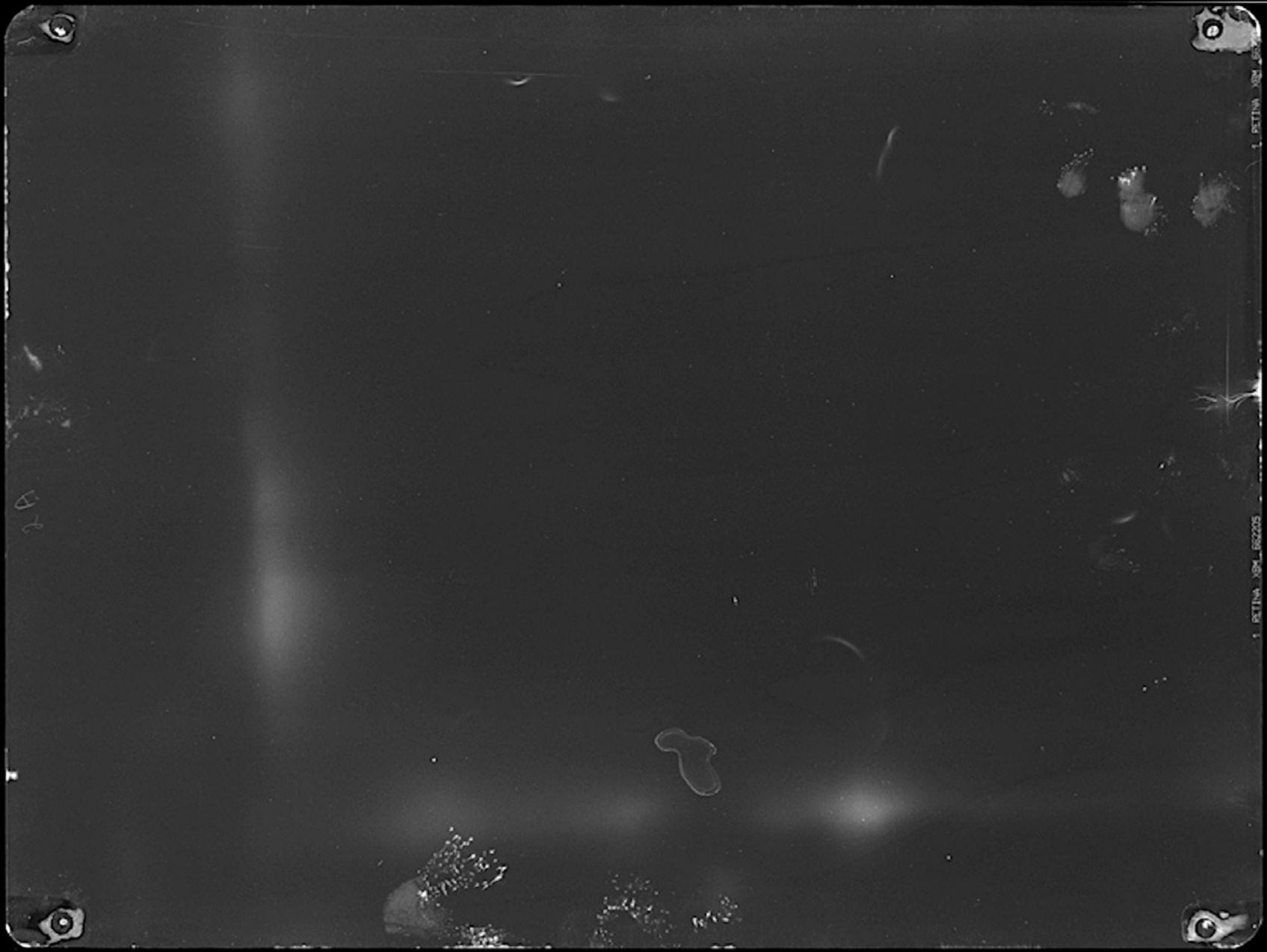
Fragmento de um campo IV – 9.120 μ Sv

De todas as imagens, essa é uma que, coincidentemente, tem algum casamento entre a forma do que a gente interpreta que seria, por exemplo, a moldura de uma janela e o que essa contaminação imprimiu na imagem. Isso acontece porque a madeira é um material muito mais poroso e que estava substancialmente mais contaminado do que a matéria do lado, que era pedra e vidro.

Ao lado:

Fragmento de uma janela I – 2.494 μ Sv

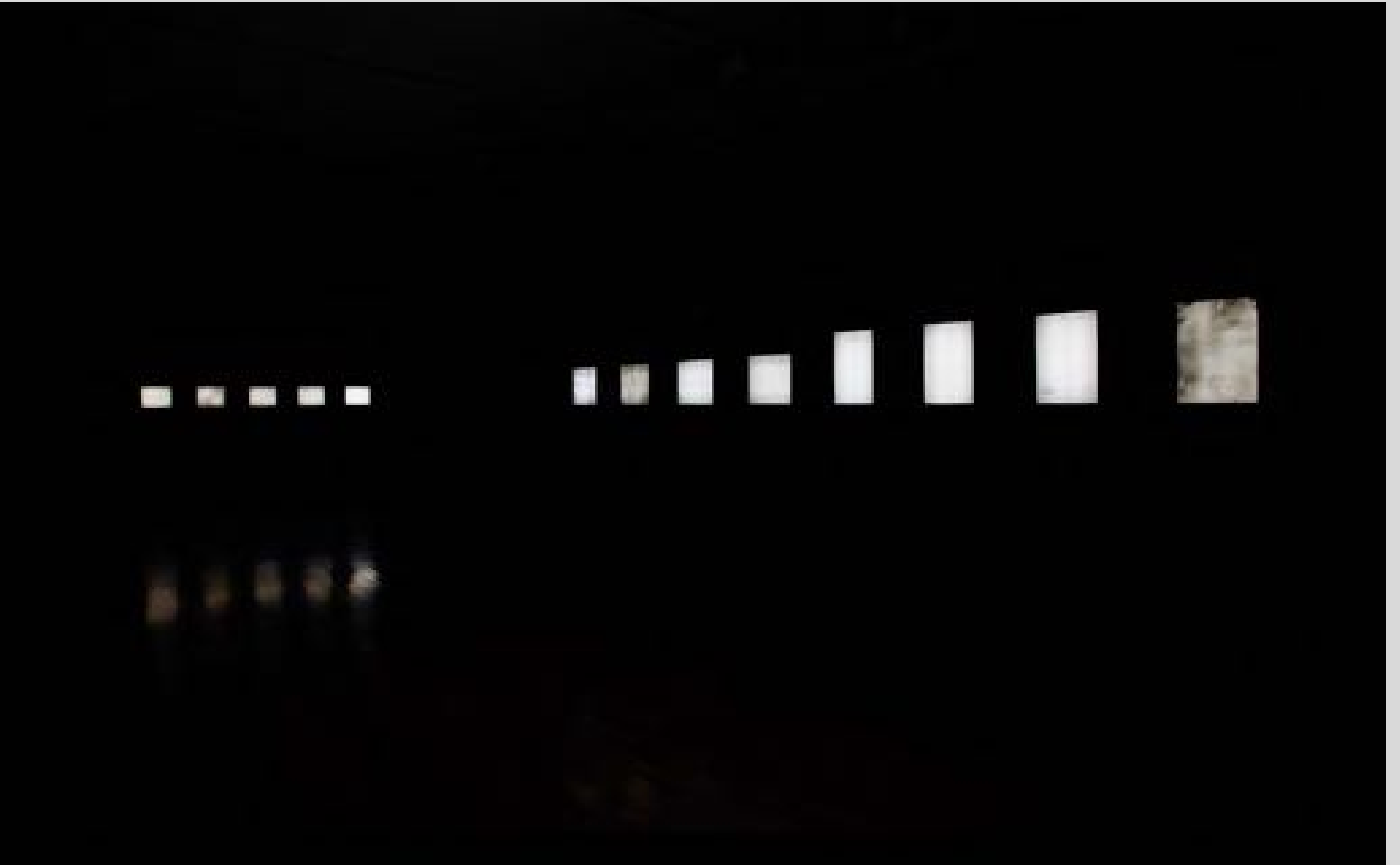
Fragmento de um campo II – 9.120 μ Sv

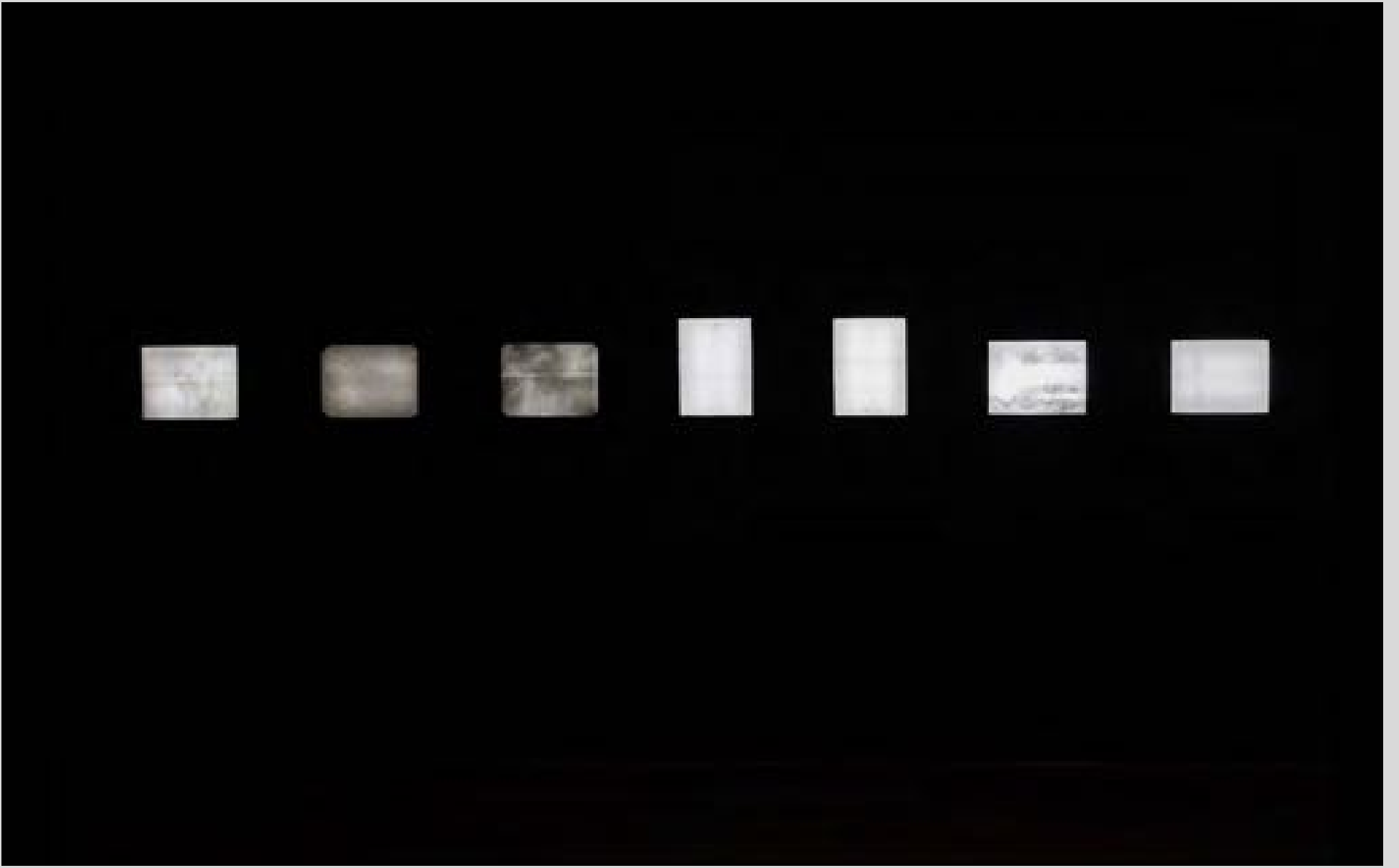




Fragmento de um campo V – 9120 μ Sv

Esta é a forma como o projeto é apresentado uma vez terminado, são os negativos originais expostos em Chernobyl. É uma série de 30 deles, todos montados em caixas de luz embutidas na parede do espaço expositivo, no qual são a única fonte de luz.









Alice Micelli trabalha com fotografia e vídeo, focando nos limites e potencialidades dessas mídias e em suas materialidades específicas. Seu trabalho se desenvolve a partir de viagens investigativas com a intenção de mostrar manifestações virtuais, físicas e culturais de traumas ocorridos em paisagens naturais e urbanas. Lidando com assuntos sociais e políticos ao redor no mundo, suas exposições incluem a 29ª Bienal de São Paulo, o Festival Transmediale, em Berlim, a Galeria Nara Roesler em São Paulo, Villa Aymoré / Instituto Pipa, no Rio de Janeiro, e a Americas Society, em Nova York.